

# A PROVÍNCIA

Semanário

AVENÇA

Informação « Cultura » Recreio

Proprietário, Administrador e Editor  
V. S. MOTTA PINTO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — AV. D. NUNO ÁLVARES PEREIRA, 18 — TELEF. 030467  
MONTIJO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA «GRAPEX» — TELEF. 010236 — MONTIJO

DIRECTOR  
MOTTA PINTO

Exmo. Sr.  
Manuel Giraldes da Silva  
RIO MAIO

## Mensagem do Chefe DO ESTADO

O Chefe do Estado dirigiu no início do Novo Ano aos portugueses espalhados por todo o Mundo, a seguinte mensagem de Ano Bom:

«Impõe a tradição que no limiar dum novo ano o Chefe do Estado dirija uma mensagem à Nação, pondo as suas esperanças no ano que desponta e formulando os melhores votos pelo bem-estar de todos os portugueses.

Gostosamente mantenho tão simpática tradição, com as palavras simples e breves que me produz dizer. E porque as idealizei assim e porque está sempre presente no meu pensamento a missão que me cabe desempenhar, julgo dispensável recordar o que de primordial ocorreu no ano que findou, com a vantagem de permitir que o tempo acabe por proporcionar a todos uma mais ajustada visão dos acontecimentos que em 1958 se desenrolaram.

Tal como no começo dos anos anteriores, não se apresenta desanuviado o panorama mundial e há por isso que continuar atento aos incêndios que aqui e além possam ser conscientes ou inconscientemente ateados.

Mas Deus continuará por certo obstando a que os homens se lancem loucamente e criminosamente numa terceira guerra mundial, que a utilização indiscriminada de todos os meios presentemente ao seu alcance poderia conduzir ao suicídio de toda a humanidade.

E querendo a Providência e fazendo por isso os portugueses, poderemos escapar aos incêndios parcelares que por infelicidade venham a deflagrar e caminhar em paz na senda do progresso a que muito naturalmente aspiramos.

Com o novo ano inicia-se a execução dum novo Plano de Fomento, muito mais grandioso que o anterior, susceptível de criar benefícios a ritmo desconhecido até agora entre nós e que trará mais pão para os portugueses d'áquem e d'além mar, sobretudo para aqueles que dele estão mais carecidos.

E com mais pão virá também o lar, modesto mas condigno, que todos justificadamente desejam e que infelizmente estão ainda longe de possuir.

São pois palavras de paz e de esperança as que dirijo à Nação e outras não poderiam estar no meu pensamento.

A todos os portugueses trago indistintamente no coração, qualquer que seja o ponto do globo em que tenham visto o luz do dia.

O génio lusíada levou-nos a toda a parte e em quase toda a terra moureja a nossa gente; a todos no começo deste ano desejo, por igual, as maiores felicidades — por todos, neste dia, dirijo a Deus as mesmas preces».

## Compreendamos o arte do nosso tempo

Por António Garcez da Silva

Noticiaram há pouco tempo os jornais que se venderam em Londres «numa atmosfera de curiosidade e de paixão», sete quadros de Manet, Van Gogh, Renoir e Cézanne, pela soma fabulosa de 62.480 contos.

Deve acentuar-se que estes pintores, Impressionistas, cuja obra revolucionou profundamente a pintura, nos fins do século passado e preparou, como é o caso de Cézanne, o deflagrar do Cubismo — a mais ousada e profunda modificação nas formas e nos conceitos de

arte, que jamais se operou — sofreram o ataque ou o desprezo dos seus contemporâneos. No célebre leilão de 1877, os quadros dos Impressionistas, talvez alguns dos que se venderam agora por quantias fabulosas, «foram passados, de mão em mão, de pernas para o ar, com grandes risadas» — porque os circunstantes não os sabiam compreender. É que a obra de arte, quando possui uma linguagem nova, viva, não é inteligível para o comum dos homens, que só têm olhos para o vulgar, como apenas ouvidos para as frases feitas...

Por isso, só quase no final da sua existência, Cézanne pode exclamar satisfeito: «Até que enfim estão a emoldurar os meus quadros!» Antes, e durante anos, Cézanne oferecia-os a quem se mostrava interessado em possuí-los, apenas para desatrarancar a adega da sua casa de Aix, onde «havia um montão de telas estragadas, juntamente com uma gaiola partida».

Turner, cuja pintura é como que o *avant-jour* do Impressionismo, ao ponto de Monet se debruçar sobre essa pin-

(Continua na página 4)

## Chávenas de café

quase amargo...

Por Dr. Cruz Malpique

Atravessar a ponte antes de lá chegar

Certo lapuz, que estava para casar, entra em casa dos pais, em grande choro-deira, porque lhe ia morrer seu filho Fagundes. Espantados com aquelas lágrimas perguntavam-lhe os pais que filho era aquele que estava para morrer. E vai o nosso homem explicou:

Dentro de dias vou casar com a Benedita. Passados nove meses, minha mulher terá um filho — que se chamará Fagundes. O berço do menino ficará àquele canto, debaixo daquela trave, já velha e roída do bicho. E a trave cairá sobre o menino — e era uma vez um menino...

E, assim profetizando, o

(Continua na página 4)

## PEDAÇOS...

Por - João Maria Campos

Eu amo, com o ardor intemperado da Juventude, aquela forma graciosa e diáfana, que o meu sonho de esteta e moralista criou.

Em busca dela, imagem vaga mas imperecível do meu eu, me tornei o idealista que sou, na luta sempre renovada em prol do puro, do ideal.

Mas, neste Mundo tortuoso, em que os mais invios caminhos transformam em labirintos as rectas vias da vida, quedo-me perplexo quando, liberto do sonho que sonhara, verifico que as asas em que me julgara alado não são mais do que os membros que sulcam a lama putrefacta pelo sangue e pelo suor de milhões, sangue e suor vertidos desde há milénios, pelos corpos trucidados ou escravos, em nome duma civilização que a loucura dos homens teima em julgar possível, ignorando o factor Educação...

Assim vemos surgir constantemente revoluções, sempre movimentos de anarquia ou de força — é que Liberdade pressupõe educação moral e cívica, sem a qual redundam em licença, e daí à

(Continua na página 4)

## CAMPANHA DO «MAIS UM»

### «A PROVÍNCIA»:

Pretende ser um grande jornal;  
Deseja ter a melhor e maior colaboração;  
Quer ter mais páginas, mais secções e mais interesse;  
Quer ser mais doutrinário, mais informativo, e mais recreativo.

«A Província» pretende modificar a sua estrutura, ser um jornal mais agradável à vista e à sua leitura.

«A Província» quer ser um jornal moderno, aquele que os seus leitores desejam.

Que é necessário fazer?...

Que todos colaborem, um por um, dando uma insignificância!

Que se pede a cada assinante?

Só isto! Que cada assinante arranje outro assinante.

**Só mais um assinante!** Mais nada!

Mas é preciso que todos colaborem. Todos sabem, que a união faz a força.

Pedimos-lhe a si, caro leitor: *Arranje, pelo menos, só um assinante; pense apenas no seu tributo para um jornal maior.*

*Se todos fizerem só isso, teremos um belo e grande jornal, e tudo muito brevemente.*

Sim, é preciso que todos ajudem nesta campanha.

**A Campanha do MAIS UM.**

A todos que colaborem, ser-lhes-á entregue um emblema de «A Província», um artístico emblema do seu jornal.

**TEREMOS CONCURSOS E GRANDES SURPRESAS!**

Caro assinante: **Arranje só isto: MAIS UM!**

## IMAGENS DE PORTUGAL

### AZENHAS DO MAR (SINTRA)



Situada esta típica localidade na exuberante região de Colares, fértil em vinhedos e pomares, debruça-se sobre alcandorado varandim em face do magestoso Oceano, beijada pelas ondas que rumorejam sobre as finas areias da sua praia, aqui e além batendo nas rochas abruptas que ali se patenteiam.

**SINTRA! COLARES! PRAIA DAS MAÇAS! AZENHAS DO MAR!** — quatro das pedras basilares do buliçoso orbe sintrense, cheio de belezas e magia que encantam todos os seus visitantes.





## Compreendamos a arte do nosso tempo

(Continuação da primeira página)

tura surpreendente, para lhe auscultar o seu hino à luz, lhe devassar as transparências, lhe absorver as formas diluídas em névoa e claridade, — pouco interessou aos seus contemporâneos. Só Ruskin, o célebre crítico de arte inglês, o soube entender. Mas enquanto este, frenético apaixonado da obra de Turner, via, deslumbrado, na pintura dos seus navios, «diáfanos espectros de neblina e de luar», outro crítico, intérprete dos juízos

mais comuns daquele tempo, chamava-lhe pintura de «espuma de sabão e de lixívia»...

E era triste, quando mandava alguns dos seus quadros ao leilão, Turner pedir a um amigo que aumentasse os lances, para evitar que fossem vendidos demasiadamente baixos.

Contudo, ainda procuravam os seus quadros. Outros artistas houve menos felizes. Van Gogh só vendeu um quadro na sua vida. E parte da obra de Gauguin — da admirável obra de Gauguin! — porque não interessava àquela gente sem cultura e sem sensibilidade para entender os delírios do seu *fauvisme*, foi estupidamente sepultada no fundo das águas, nessas paragens exóticas, onde ele se exilou para realizar um sonho de arte...

Ora, são precisamente aqueles que, pelo seu génio, se antecipam ao desabrochar das correntes futuras, que mais sofrem esta incompreensão.

Será que uma fatalidade os acompanha — fatalidade que é ao mesmo tempo consequência do seu génio e condição da sua imortalidade?

«A obra de arte — escreve R. Rolland — só se torna compreensível depois de recoberta pela poeira dos anos. A vida nova tem um perfume demasiado forte para as cabeças fracas; é preciso que o cheiro se evapore com o decorrer do tempo».

Mas há sempre ocasião de atentar na injustiça dessa atitude, dessa incompreensão. É preciso criar a robustez necessária para suportar o perfume intenso, ou a luz viva e deslumbrante, que brota da arte coeva.

Que meditem nos exemplos apontados aqueles que perante uma obra de arte do nosso tempo — viva, expressão plena duma época, ou já impregnada de futuro — tentam denegri-la, ou simplesmente a desprezam, porque não sabem compreendê-la.

António Garcez da Silva

## Chávenas de café

quase amargo...

(Continuação da 1.ª página)

lapuz continuou a chorar a sua triste sorte. Isto, quando ainda não casara, quando ainda nem sabia se a mulher lhe daria um filho.

É o que se chama atravessar a ponte antes de lá chegar, avaria de que os ingleses, por educação e feitio, são incapazes. O inglês não é homem para sofrer com antecipações. É conhecida a história daquele armador britânico a quem, num fim de semana, vieram comunicar que um seu navio naufragara. Não se desmanchou o beef com a má nova, e limitou-se a exclamar: — «Ai que grande desgosto que eu vou ter na... segunda-feira!»

O lapuz chorava, com gordas lágrimas, um acontecimento problemático. O súbito de Sua Magestade Britânica adiava, fleumáticamente, o seu desgosto, até ao primeiro dia útil da semana, dentro do princípio de que há dias para descansar do corpo e do espírito, e dias para ter amarguras.

Dr. Cruz Melpique

## Pedaços...

(Continuação da 1.ª página)

necessidade da intervenção da força é um passo, recaído-se sempre, e por isso mesmo, na história dos alca-truzes.

\* \* \*

Quatro paredes de madeira e uma divisão ao meio eram um estábulo... mas, neste «século das luzes» em que os governos de todo o mundo esgotam os tesouros públicos em subsídios à ciência (?) para a descoberta e aperfeiçoamento de instrumentos de destruição e morte, também são habitações, onde seres humanos vegetam numa promiscuidade animal e imoral, que nos revolta.

Estas vítimas da sua condição social, sem instrução que lhes ilumine o caminho para além do limitado horizonte do lar promíscuo e infecto, surgem-nos, por força do seu próprio destino, como pioneiras duma Nova Moral... dessa Moral que combatemos, mas por cuja existência somos responsáveis.

João Maria Campos

## GARRET E O TEATRO

(Continuação da página 8)

teatro ao mesmo tempo que se dava uma simplificação da linguagem e dos episódios. Toda esta peça decorre numa zona de tenuidade sentimental.

Em 1841 compôs Garret o Alfageme de Santarém, peça histórica que se funde numa lenda escrita pelo autor da crónica do Condado. A peça tem bastantes defeitos, mas tem uma qualidade que é descer do paço dos reis para um assunto burguês. Contudo de toda a peça, sobressai especialmente a realidade moral e a história.

Numa quente tarde de verão, estando Garret a banhos na Póvoa de Varzim, assiste por acaso a uma peça representada por um teatro de bonifrates e daí lhe surge a ideia de escrever o seu Frei Luís de Sousa, a grande obra do romantismo português, que é uma obra de arte que pertence à eternidade. A figura de Maria é o centro do dramatismo da peça; a figura de Manuel de Sousa Coutinho é ardente e nobre; D. Madalena é a mulher que vive em constante terror por ter fugido à fidelidade ao primeiro marido, e este terror é constantemente espicaçado pelos diálogos entre Telmo e Maria, criança precoce, que com a sua viva inteligência vai reconstruindo o drama a pouco e pouco.

Esta obra abre já perspectivas ao realismo. Tudo está ligado à tragédia de Portugal, assim por exemplo, o sebastianismo de Telmo põe em evidência os traços gerais da crença colectiva.

A grande obra romântica do teatro Português está dentro da realidade mesmo no pormenor. Segundo o próprio Garret disse, numa conferência, que fez no Conservatório tentou nesta sua obra harmonizar a beleza com a verdade e parece nos que o grande escritor português conseguiu o seu intento.

## TELE - MUNDIAL

(Continuação da página 8)

programas sucedem-se, os funcionários das repartições dos Correios não têm mãos a medir...

Mensagens de felicitações, consultas, respostas a perguntas de algebeira, etc., amontoam-se nos sacos que todos os dias são descarregados às portas das emissoras.

Assim, sem sair de casa, o americano tem o seu melhor passatempo: a televisão.

### «Olho de Vidro», de Hitchcock

PARIS — A primeira tentativa séria de colaboração entre o cinema e a TV acaba de ser levada a cabo pelo grande mestre do cinema americano, Alfred Hitchcock.

Na Radiotelevisão Francesa, em estreia na Europa, foi recentemente apresentado, com enorme êxito, o primeiro duma série de filmes dirigidos por Hitchcock especialmente para a televisão. «Suspense» e humor, caracterizam os argumentos destes filmes, subordinados ao título de «Olho de Vidro».

**MUITOS** → **MWM DIESEL**

JÁ INSTALADOS COMO MOTORES DE PROPULSÃO  
E EM GRUPOS AUXILIARES EM

*Manuel Giraldo da Silva*

**MONTIJO**

BACALHOEIROS

CARQUEIROS, ARRASTÕES

REBOCADORES E BARCOS DE PILOTOS

EMBARCAÇÕES FLUVIAIS DE PASSAGEIROS

TRAIINEIRAS DE

TODOS OS TIPOS

VELETAS

POTÊNCIAS DE 5 CV ATÉ 250 CV PARA ENTREGA IMEDIATA  
DESDE OS NOSSOS ARMAZÉNS

**J. WIMMER & CO., LISBOA**

TELEFONES 66 01 27/129

AVENIDA 24 DE JULHO, 34

REPRESENTANTES  
ASSISTÊNCIA TÉCNICA  
ORÇAMENTOS

## Cooperativa Banheirense de Assistência, Abastecimentos, Cultura e Recreio

Esta novel Instituição criada recentemente em Baixa da Banheira, efectuou no penúltimo domingo, 4 do corrente, a sua inauguração oficial, com a presença de entidades superiores do concelho da Moita e delegados de várias colectividades afins, bem como representantes de agremiações locais.

Foram convidadas para esse acto, a Câmara Municipal daquele concelho e o sr. Dr. António Sérgio, valioso pioneiro do cooperativismo, assim como várias Cooperativas do País, tendo usado da palavra diversos oradores.

Esperamos apresentar na próxima semana a nossa reportagem, o que se nos torna impossível fazer hoje por absoluta falta de espaço, do que pedimos desculpa à sua Direcção e aos nossos leitores daquela localidade.

Leia,  
Assine e  
Divulgue,  
«A Província»

## LIGA PORTUGUESA DE PROFILAXIA SOCIAL

## Descuidos que custam muito caro

Se nos déssemos ao cuidado de pensar nas possíveis consequências das nossas imprevidências, haveria, de certo, menos tristeza no mundo e a nossa consciência estaria também mais tranquila e calma.

Evitar-se-iam muitas desgraças que enlutam famílias inteiras para toda a vida. É o caso da casca de laranja que se atira inadvertidamente para o passeio ou da caixa de fósforos que se deixou ao alcance de crianças de tenra idade.

Aquela inocente casca de laranja pode roubar para sempre a alegria de viver ao primeiro incauto que nela escorregue, atirando-o para o hospital com qualquer fractura incurável talvez. E se a vítima é chefe de família, aí temos um lar a debater-se nas garras da miséria.

A caixa de fósforos pode servir de inocente brinquedo para crianças inespertas e daí ao incêndio das roupas, à destruição da casa pelo fogo e à morte de inocentes não há grande distância. Um segundo fatídico basta para encher de negrume lares inteiros e tudo porque o imprevidente que lançou a casca ou abandonou a caixa de fósforos não pensou no mal que desse seu gesto poderia resultar.

É claro que se o desleixado fosse obrigado a pagar as consequências das des-

graças que origina, talvez fosse forçado a respeitar com mais interesse a vida e a saúde do próximo. São medidas de força desagradáveis e de resto menos eficazes do que a consciência que nos indica que não devemos fazer aos outros o que não desejaríamos que nos fizessem.

Há, no entanto, desleixos que quase deveriam ser considerados crimes puníveis por lei, estando nesse caso, sem dúvida, o abandono de explosivos, tais como: foguetes, morteiros, etc., e a crueldade de não se cobrirem convenientemente poços que, pela posição em que se encontram, são terríveis raioeiros.

Da casca de laranja, dos foguetes e dos poços, notícia a imprensa frequentemente o crescente número de vítimas. É claro que a ignorância e o analfabetismo são em grande parte os principais culpados de tais misérias. É por isso que o mal tende a desaparecer na medida em que a luz da escola vai esclarecendo as consciências.

Entretanto, todo aquele, onde quer que esteja, que compreenda quão acertados são os nossos reparos, não deixe de esclarecer, lembrar, ensinar, pedir para que os males apontados terminem em breve.

## Câmara Municipal de Évora

## AVISO

Arrematação dos lixos produzidos na cidade de Évora no ano de 1959

A Câmara Municipal de Évora faz saber que se acha aberto, pelo prazo de 20 dias, concurso público para adjudicação dos lixos produzidos na cidade de Évora no ano de 1959.

As propostas serão entregues na secretaria, em carta fechada e lacrada, onde se encontram patentes aos interessados o programa de concurso e respectivo caderno de encargos.

A base de licitação é de 25.000\$00.

Évora e Paços do Concelho, 10 de Janeiro de 1959

O Presidente da Câmara  
João Luís Vieira da Silva

## Boas Festas à «A Província»

Tiveram a amabilidade de nos enviarem cumprimentos de Boas Festas, gentileza que agradecemos e retribuimos, as seguintes individualidades, firmas e colectividades amigas: José da Silva Leite, presidente da Câmara Municipal de Montijo; Manuel Beatriz Júnior e sua esposa, D. Aura do Carmo Beatriz, de Tetuan (Marrocos); Padre Luciano Cutileiro, de Odivelas; Dr. Luís Cabral Adão, D. Antónia de Oliveira Seisedos Branco e Silva, e Rui Ferreira de Oliveira, de Setúbal; D. Arminda Rebordão Pires, D. Maria Albertina Baeta, Joaquim da Silva, D. Eduarda Leite Ventura, Eugénio Ribeiro Nunes, Luís Maria

Nogueira, e Mário Manuel Ferreira Ribeiro, de Lisboa; Manuel Giraldes da Silva, de Rio Frio; menina Carlota Maria Gonçalves Borges Landeiro, D. Benedita de Jesus Nunes G. Landeiro, Prof. José Manuel Landeiro, José Júlio Valério Rodrigues, Fernando José Faustino, e Joaquim Carreira Tapadinhas, de Montijo; António Albino Matilde, de Canha; Condessa do Prado da Silva e Soeiro da Costa, de Ponte de Lima; José Alvarenga Pinto da Costa, de Mesão Frio; Mário Claro Lopes, de Entroncamento; Carlos Alberto Medeiros Furtado, da Moita; Armando Porto Alfiado Castelo Branco, de Alvaizere; Hermínio José Ferreira, da Trafaria; Joaquim Acácio de Figueiredo, de Abaças (Trás-os-Montes); menina Teresa Helena Pereira Pascoal, de Portalegre; António Teodoro Garcez da Silva, de Vila Franca de Xira; Artur Tojal, do Porto; e José do Nascimento Teixeira, de Penamacor; Casa Víctor, Sequeira & Santos, Lda., Comissão Pró-Praça de Toiros, Sociedade Recreativa do Alto das Vinhas Grandes, Misericórdia de Montijo, Asilo de S. José, Bombeiros Voluntários de Montijo, «O Palmeiras» Clube Montijense de Desportos, Banda Democrática 2 de Janeiro (Comissão Pró-Sede), Sociedade Filarmónica 1.º de Dezembro, Musical Clube Alfredo Keil, Orquestra «Eldorado», de Montijo; António J. Fernandes & Filhos, de Lanhelas

Artur Alves, Nuno de Menezes e Maria Helena Sampaio, que cumpriram fielmente as suas atribuições.

Enfim, foi — pois —, mais uma jornada cultural de grande elevação e um condigno final de umas festas que muito têm aumentado o prestígio e popularidade de Montijo através de todo o País.

Pelo reflexo destes Jogos Florais saudamos e felicitamos vivamente Gentil Marques e seus colaboradores, num abraço de reconhecimento da nossa terra.

Eduardo dos Santos Baeta

## Sarau final dos Jogos Florais das Festas

(Continuação da página 2)

das produções literárias premiadas, cujo resultado foi o seguinte:

**POESIA REGIONAL:** (Ex-aequo) — João José de Moura Antunes, (Portalegre) e José António Palma Rodrigues, (Lisboa); para o 1.º prémio; e Maria da Conceição de Sousa Eloi, (Albufeira), com menção honrosa.

**SONETO:** — Maria da Conceição de Sousa Eloi, (1.º prémio), e Maria Helena Bota Guerreiro, (Barreiro), com menção honrosa.

**POESIA OBRIGADA A MOTE:** — Saül Horácio Ventura (Elvas), 1.º prémio, Raúl Geral do Oliveira, (Santarém) e Alfredo João Pimenta Martins Pereira, (Setúbal), menções honrosas.

**QUADRAS POPULARES:** — Jorge Ramos (Lisboa), 1.º prémio e menção honrosa especial, ao seu conjunto de quadras; Alfredo João Martins Pereira (Setúbal), Maria da Conceição de Sousa Eloi, Onofre Rocha, (Lisboa) e Henrique Alberto da Ressurreição Marcos, (Covilhã), com menções honrosas.

**CONTO E NOVELA.** — O Juri deliberou não conceder o 1.º prémio, tendo atribuído a Carlos Paniagua Feteiro, (Caldas da Rainha), uma menção honrosa.

**FOTOGRAFIA, COM POESIA:** — João Martins, (Lisboa), 1.º prémio; Manuel Giraldes da Silva, (Rio Frio - Montijo) e João Afonso Antunes, (Guimarães) com menções honrosas.

Dos concorrentes distinguidos na Poesia Regional, os dois primeiros compareceram no palco, a fim de

## de S. Pedro, no Montijo

receberem o prémio que lhes competia: Uma imagem de S. Pedro; tendo ali também ido uma representante da sr.ª D. Maria da Conceição Sousa Eloi, a quem foi entregue a menção honrosa respectiva.

O brilhante poeta montijense, Manuel Giraldes da Silva, teve uma chamada especial ao palco, sendo ali vivamente acarinhado.

Gentil Marques quis homenagear igualmente outras individualidades, para o que entregou diplomas de gratidão a Humberto de Sousa, Orquestra Eldorado, Grupo Artístico Montijense, Augusto Mendes Júnior, Comissão das Festas de S. Pedro e o estimado amador António Carlos.

Finalmente entregou ao sr. Amadeu Augusto dos Santos, o trofeu «Festa dos Idolos», primeiro prémio das empresas das Praças de Toiros, — 1958 —, do jornal «FESTA».

A segunda parte do sarau, decorreu sob prolongados aplausos de toda a numerosa assistência.

A terceira parte foi brilhantemente desempenhada por categorizados artistas da capital, que propositadamente aqui se deslocaram para prestar a sua colaboração a esta memorável festa.

Nesse conjunto figuraram, entre outros: — Carlos Cardoso (um montijense, residente na capital); Deolinda Maria; Mário Sargedas; Maria Olímpia, (filha do estimado produtor radiofónico, José de Oliveira Cosme, que teve chamada especial ao palco e leu versos de sua autoria, a quem o público retribuiu com uma quente ovação); a jovem bailarina, Maria Beltrão; D. Vicente da Câmara; Maria Marise; o novilheiro Armando Soares; o pequeno José Manuel; os consagrados artistas Maria José Valério e Tomé de Barros Querez.

A insinuante artista do cinema, teatro, rádio e T. V., D. Ana Paula Zeiger, leu o poema «Touro, esse desconhecido», de autoria de Gentil Marques.

Actuaram igualmente nesta festa como locutores oficiais do certame, — Luís Onofre,

(Minho); Francisco Gomes Paixão (Móveis Paixão), Cartaxo; Associação de Futebol de Setúbal e Grupo Desportivo «Os Ibéricos», de Setúbal; Casa do Povo de Canha; Direcção da Liga Portuguesa de Profilaxia Social, do Porto; Federação Nacional dos Produtores de Trigo, Moto Clube de Lisboa, Sociedade Musical União do Beato, Nova Empresa de Taxis Neta, «Os Marialvas de S. Cristóvão», Estabelecimentos Barral, de Lisboa; Biblioteca - Museu Municipal de Vila Franca de Xira; e Padre João Evangelista de Jesus Matos, pároco da Moita do Ribatejo e Sarrihos Grandes.

A todos, a expressão do nosso reconhecimento.

## Homenagem a

## NUNO DE MENEZES

No passado dia 27 do mês findo, realizou-se na Sociedade Filarmónica Humanitária, de Palmela, organizada pela sua Direcção e Comissão Pró-Sede da referida colectividade, uma muito justa homenagem ao nosso colaborador, sr. Nuno de Menezes, que brevemente nos deixa, a caminho de terras do Ultramar Português.

A homenagem teve a gentil colaboração do Grupo Artístico Montijense, da Orquestra Eldorado e bem assim da menina Maria Agostinho e do sr. António Carrega, ambos distintos amadores de Palmela, que com a sua actuação trouxeram ao homenageado um abraço de despedida.

Abriu o espectáculo o amador montijense, Luís Onofre, que depois de algumas breves palavras, apresentou ao público o digno presidente da Direcção, sr. Tomé Lopes Arsenio, tendo este sr. no seu pequeno improvisado, palavras francamente elogiosas às qualidades de Nuno de Menezes e considerado o nosso colaborador como um amigo, que esteve dedicadamente ao dispor da Sociedade nas festas ali organizadas e com a sua louvável colaboração sempre que fosse necessária.

O Grupo Artístico Montijense e a Orquestra Eldorado tiveram na actuação de todos os seus elementos, mais uma vez ocasião de marcar a sua excelente categoria e que muito têm honrado a nossa terra.

O espectáculo foi dividido em três partes, e foi a abrir a última parte, que Nuno de Menezes se dirigiu aos organizadores, agradecendo muito comovido as facilidades encontradas; e, ao público a sua comparecência.

O nosso jornal associa-se à homenagem ao seu prestimoso colaborador e deseja-lhe na sua nova vida de trabalho, muitas felicidades e venturas.

## Vendem-se

— DUAS MORADIAS no Afonsoeiro - Montijo.

Trata Joaquim Rocha, R. Serpa Pinto, 43 telefone 030065.

## MONTIJENSE:

Colabora espontaneamente para que o nosso concelho seja apontado como símbolo de civilidade! — O cuspir, o lançamento de inútilidades e inutilidades para a via pública, é sintoma de pouca educação e desrespeito pelo próximo!



# do Minho ao Guadiana

## BAIXA DA BANHEIRA

— *Novo Café Ribatejano*  
— Graças ao bom gosto e iniciativa do nosso prezado assinante e amigo sr. Diamantino José Lopes, comemorou este modelar estabelecimento na passada 2.ª feira, 12, o seu 2.º aniversário de fundação.

Actualmente são seus novos e dignos proprietários e também nossos prezados assinantes e amigos, os srs. Joaquim Félix e Miguel Francisco, a quem aproveitamos a oportunidade, para muito sinceramente, apresentar os nossos parabéns e um futuro muito venturoso.

— *As avarias na corrente eléctrica continuam!*... Não obstante as deligências, os maiores esforços e canseiras empregadas pelo nosso prezado assinante e amigo sr. João Frederico Amado, digno electricista privativo nesta localidade, e motivo porque nos merece os nossos elogios, não deixam de continuar diariamente as interrupções gerais na corrente eléctrica, durante o serão, 3, 5 e mais vezes!

Ainda na passada 6.ª-feira,

12, do p. p. mês, após 6 interrupções seguidas, deslocámos-nos a propósito à cabina de transformação para averiguar o que se estava passando. Encontrámo-la completamente fechada... Um minuto depois chegou o funcionário acima aludido, para fazer a 7.ª ligação.

Seguidamente e em resposta às nossas perguntas, informou-nos que existem dois transformadores, um em pleno funcionamento e outro de reserva (à nossa vista), e que todos estes males dependem não só das péssimas condições como funciona a aparelhagem da barraca do cinema (Coliseum-Cine), como ainda, o pior de tudo, a construção civil; não havendo porém, a mínima atenção, cuidado, nem respeito muitas vezes, com a montagem dos andames junto das linhas, e ainda sobretudo com os desvios das mesmas!

Por tal motivo chamamos para este fim, a intervenção do Ex.º Sr. Presidente da Câmara Municipal da Moita!  
— (C.)

## ECOS DE SETÚBAL

— Num dos últimos domingos verificámos um facto, que merece comentários.

É o caso de quem se desloca principalmente ao domingo de Setúbal a Lisboa, para assistir a um espectáculo de teatro na 2.ª sessão, não ter meios de transporte para regressar a Setúbal findo estes pois a última carreira da Empresa Belo entre Cacilhas e Setúbal tem lugar às 0,55 h. e o barco que transporta o pessoal que vai ao teatro, só chega a Cacilhas à 1,45 h..

Não se compreende qual a razão porque não há uma carreira que partindo de Cacilhas às 2 h. da madrugada sirva estes passageiros que a maioria das vezes não vão à primeira sessão, por dificuldades na obtenção de bilhetes.

Se a empresa Beira-Rio faz carreiras para a Cova da Piedade e Almada logo que o barco da 1,45 h. chega,

porque motivo a Empresa Belo de Setúbal não segue idêntico exemplo. É de facto um caso lamentável a que é preciso pôr cobro.

\* \* \*

— Englobada nas festas do 1.º aniversário da sua fundação vai o Grupo Desportivo «Os Ibéricos» de Setúbal promover no próximo mês de Fevereiro uma distribuição de lembranças pelos internados no Sanatório Marítimo do Outão, desta cidade. Qualquer donativo em dinheiro, livros ou brinquedos deverá ser dirigido às Ruas Fran Pacheco, 82 1º e Capitão Tenente Carvalho Araújo, 33 em Setúbal. É de esperar que esta louvável iniciativa dos dirigentes do Grupo D. «Os Ibéricos» de Setúbal seja levada a bom termo esperando-se assim a colaboração de todos os corações de boa vontade. — (C.)

## NOTÍCIAS DA TRAFARIA

O vendaval furioso e persistente que tem assolado a costa portuguesa, atingiu as areias da privilegiada «Praia do Sol», abrangendo a Costa da Caparica e Cova do Vapor, na freguesia da Trafaria.

Sobretudo neste último lugar, a ventania e o avanço constante das águas marítimas, têm destruído barracas e embarcações de pobres pescadores.

Se qualquer novo fenómeno não vier modificar as correntes marítimas junto desta costa, é provável que grande parte das formosas matas desapareçam.

As providências tomadas pelas entidades competentes, infelizmente, não deram o resultado almejado e previsto, pois o problema é daqueles que foge às possibilidades imediatas.

O Ministério das Obras

Públicas tem dispendido esforços e verbas para remediar o cataclismo; e a visita de Sua Excelência o Ministro dessa pasta, permite-nos esperar o prosseguimento dos trabalhos de salvaguarda das dunas e outros de retenção das areias.

Fazemos votos para que esta estância de férias e repouso seja poupada à devastação.

Que as entidades que superintendem nestes serviços facultem os meios de defesa desta região já famosa no país e no estrangeiro, são do interesse de todos.

Faz pena ver tantas barracas: umas modestas; outras mais importantes, tombadas e desmanteladas.

Os prejuizos orçam por milhares de contos.

Salvem a Praia do Sol; — é o nosso brado! (C.)

## NOTÍCIAS DE PAVIA

(Atrazado na Redacção)

— *Electrificação local:* — Foi no dia 29 de Novembro findo, que Pavia viu realizado um dos seus mais belos sonhos, quando pelas 18,30 horas, surgiu esta pitoresca vila devidamente iluminada a electricidade!

Nesta freguesia, a rapaziada corria de rua em rua para ver o efeito e o brilho cintilante das lâmpadas e o regozijo do povo era geral, pois estavam bem iluminadas algumas ruas com lâmpadas de 100 velas, que davam uma bela claridade.

Notam-se, ainda, algumas faltas nalguns pontos, que a nossa Câmara Municipal promoveu ir remediar.

O Natal na nossa terra é pois mais benigno e não tão frio, como infelizmente em muitos lares.

O bodo aos pobres constou de agasalhos, géneros alimentícios e lenha para a Noite do Deus-Menino, num total de oito mil escudos.

A todos que trabalharam e contribuíram para esta campanha pelo amor de Deus, os contemplados ficaram muito reconhecidos.

— *Noticias pessoais:* — *Doente:* — Foi operado em Lisboa a uma úlcera interna, o nosso estimado amigo e sr. Amílcar Ruivo, funcionário da C. P. e pelo que soubemos tudo decorreu bem, tendo já regressado a casa, pelo que lhe apresentamos os nossos parabéns.

— *Férias:* — Encontram-se de férias, em casa dos seus pais, os srs. David Prates Caeiro, 2.º sargento do regimento de infantaria 11, Setúbal; e, José David Prates Caeiro, 1.º cabo da Base Aérea n.º 1, em Sintra.

Desejamos o maior regozijo junto de sua ex.ª família.

— *Conferência de S. Vicente de Paulo:* — Como a nossa terra está já beneficiando com o grande melhoramento da luz eléctrica, embora seja ainda só por umas horas na esperança porém de ser continua, esta Conferência adquiriu já um aparelho de televisão, para que todos aí possam assistir aos programas que diariamente se realizam, e assim contribuem com uma pequena esmola, para as suas obras.

Uma delas em realização, para cujo fim se destina principalmente os donativos aqui obtidos, será a criação dum Centro Infantil de Assistência aonde todas as mães que trabalham no campo, deixem os seus filhos pequeninos, sobretudo no tempo das mondas, ceifas, apanhas de azeitonas e outras fainas agrícolas.

Todos os Vicentinos trabalham com amor por esta obra e a todos que podem manifestam seus desejos a favor de quem necessita.

A todos os benfeitores da Conferência por intermédio de «A Província», ficamos muito reconhecidos e desejamos um ano novo muito feliz.

— *Electricidade:* — São ainda poucas pessoas as que conseguiram as baixadas, pelo que volta a reinar descontentamento nas que já requereram.

Os trabalhos seguem com grande lentidão, pois parece que estamos em maré de azar, com o melhoramento há pouco efectuado. — (C.)

## MOITA DO RIBATEJO

No passado dia 30 do mês findo, quando seguia no seu automóvel em direcção a Palmela, no sitio dos Olhos de Água, chocou violentamente com outro carro conduzido pelo seu proprietário sr. Manuel Joaquim, seralheiro mecânico, residente em Palmela, o sr. Luís Almeida Carvalho, proprietário, residente nesta vila.

O desastre foi motivado pelos dois veículos que seguiam em sentidos opostos, ao meio da estrada, derivado ao intenso nevoeiro os ter impossibilitado, de se avistarem a tempo de evitar o choque.

Prestou-lhes os primeiros socorros o sr. Dr. Joaquim Marques Elias, Sub-Delegado de Saúde desta vila, que depois de verificar o estado dos sinistrados, fez seguir na ambulância dos Bombeiros Voluntários desta vila, o sr. Luís de Almeida Carvalho por o seu estado inspirar cuidados, para o Hospital de S. José em cuja sala de observações ficou internado; tendo sido transferido mais tarde para um quarto particular daquele estabelecimento, onde ainda se encontra, tendo sofrido fractura de ambas as pernas e clavícula.

O sr. Manuel Joaquim depois de pensado dalgumas escoriações seguiu para casa, pois saiu quase ileso.

O caso impressionou bastante os habitantes desta vila, pois o sr. Luís Carvalho gosa bastantes simpatias e estima não só em todo o concelho, como nos con-

celhos, vizinhos cumprindo-nos em nome de «A Província», desejar-lhe o seu breve e completo restabelecimento.

Os carros ficaram muito danificados. — (C.)

## Vila Nova de Milfontes

### O Temporal

Tem-se feito sentir nesta região os efeitos do mau tempo.

Em Vila Nova de Milfontes, ruíram completamente dois prédios, que ainda não estavam acabados; um pertencente a Josué Lourenço e outro a Baltazar Rodrigues, que ficaram em completa miséria.

O rio Mira saiu do leito inundando os campos marginais. Cairam muitos muros e vedações. — (C.)

## BOMBARRAL

O Património dos Pobres procedeu, no dia 8 do mês findo, à entrega de três casas construídas no lugar do Cintrão, a um quilómetro desta vila, que darão abrigo a cinco humildes famílias a cargo dos trabalhadores José Augusto Malaquias, Joaquim Gomes Benjamim, José Neves, Herminio Mil-Homens e José da Silva Melão.

Ao acto assistiram diversas individualidades representativas no concelho. — (C.)

Visado pela Censura

# ARTE E ARTISTAS

## GARRET e o Teatro

Além do seu papel de criador de arte, quis Garret ter uma acção prática e uma acção dogmática. Garret possuía um dom natural para professar e explicar; o poeta grangeara nos anos de exílio experiência e uma perspectiva renovada das necessidades da sua pátria.

Na primeira metade do séc. XIX, Portugal acordou verdadeiramente para o teatro e a Garret coube o título de precursor. Ideias não lhe faltavam; as suas primeiras tentativas dogmáticas datavam já de Coimbra.

Assim no prólogo de Afonso de Albuquerque, estavam já embriõariamente todas as verdades porque Garret iria lutar com inabalável coerência e continuidade.

Claro que nos prefácios seguintes aperfeiçoou e alargou o conteúdo do seu programa dogmático; não se cansa de clamar que, se, se

queria um teatro nacional era necessário compor e não traduzir.

A campanha de Garret produziu todos os seus frutos; bom ou mau, criou um repertório português, e esse era um dos três pontos fundamentais da sua ambição. No campo da acção prática ainda deixou monumentos mais sólidos: o Conservatório e o Teatro Nacional.

Há na personalidade de Garret uma feição cômica muito marcada. É uma mistura de ironia fina e de jogo verbal que teve a sua expressão mais extraordinária e perfeita nas «Viagens na Minha Terra.» Escrevia comédia desde novo. Ela acompanhou a sua ascensão, dobrou o seu apogeu e encheu o seu declínio. Foram por assim dizer

as «sobras» do seu génio, como alguém lhe chamou.

Garret tinha da linguagem popular um profundo conhecimento, e a frescura, expressiva de certos ditos sugeriram-lhe algumas réplicas felizes, vivas e caracteristicamente portuguesas.

Contudo o seu primeiro entusiasmo consagra-o aos clássicos gregos, sentindo que não é isso que lhe pede a natureza, chegando assim à conclusão luminosa de que um escritor não deve seguir ninguém, deve seguir-se a si próprio.

Frei Luís de Sousa tem já uma realidade nacional, mas o que é fundamental na peça é a expressão da psicologia do homem universal. O sebastianismo, o escudeiro e o incêndio do palácio de Almada são episódios em relação ao dos Países que deixam a filha orfã.

Sob o signo do nacionalismo Garret faz uma peça evocando a história portuguesa. Escolhe então a figura de Gil Vicente, o criador do teatro português, começando assim a nacionalização do nosso

(Continua na página 4)

Por -- Ana Rita



(Foto cedida gentilmente pelo jornal «Rádio e Televisão»)

**Maria de Fátima Bravo,**

nome que todos nós conhecemos através dos Programas de Variedades da «Rádio Televisão Portuguesa», surpreendida durante uma entrevista, mostrando as suas mãos numa bela posição plástica.



### TEATRO

## MILÚ

reapareceu no

### TEATRO MONUMENTAL,

na famosa obra de

COLETTE

«GIGI»

No momento em que esta página vier à luz da publicidade, já se estreou com grande êxito no Teatro Monumental, a famosa obra da escritora francesa Colette, «Gigi», que marcou a reaparição da artista Milú, no tablado, depois de algum tempo de ausência do convívio do público.

Ao lado de Milú, o público terá ensejo de apreciar outros grandes valores da cena portuguesa, o que contribuiu certamente para que «Gigi» obtivesse esse grande êxito, tal como aconteceu ultimamente nos Estados Unidos, onde estava a ser apresentada simultaneamente numa obra cinematográfica, e na Broadway.

Saudemos pois jubilosamente, a reaparição de Milú fazendo votos para que Gigi se mantenha durante muito tempo no cartaz, o que equivale a dizer, — que esperamos que aquela artista, mantenha contacto com os seus inúmeros admiradores, durante um longo tempo.

## Os Programas da Rádio Portuguesa

Par - Mário Martins

A Rádio Portuguesa que tão maltratada tem sido pelos críticos por vezes com razão, parece-me que há já algum tempo vem procurando rumo certo.

Não há dúvida que já se ouvem programas decentes em algumas emissoras, mas não como seria de esperar, na Emissora Nacional.

Não areja os programas alguns deles pecando pela monotonia, pela falta de variedade.

O ouvinte precisa ser sugestionado pelo que diz o locutor e o artista, e nestes capítulos temos verdadeiros valores.

E basta citar para exemplo o flagrante contraste entre o programa vivo, dos Serões para Trabalhadores, dito por vários locutores.

O programa não tem texto, limita-se à apresentação do artista, mas certos locutores dão-lhe vida com observações oportunas e anedotas contadas com graça, fugindo sempre ao já tradicional: «e agora, Senhoras e Senhores Kulano vai cantar».

Por sua vez os nossos artistas enfermam de um grande mal, só sabem cantar (alguns). Mesmo os de mais categoria, aqueles que estão calejados por anos e anos de microfona, parecem sofrer de gaguez incurável, quere dizer, só falam a cantar.

Reparem em qualquer artista francês ou brasileiro que nos visita, mesmo sendo no seu país de infima categoria, chega ao microfone e antes de cantar se é isso que normalmente faz, contacta imediatamente com o público, saudando-o com a vontade, o que é como um cartão de visita.

E mesmo depois, no decorrer da actuação, apresenta os seus números e qualquer coisa mais, sugerida pelo espírito ou pela ocasião.

Os nossos não, entram mudos e saem calados, parecem máquinas de discos, mete-se a moeda, gira o disco e... toca o mesmo.

Por vezes alguns dentre eles tentam balbuciar qualquer coisa, mas é preciso encorajá-los porque o público gosta de ter a certeza que a vez é deles e não truque de ventríloquo, que a voz que canta sabe falar.

E a prova que o público gosta de conhecer melhor os seus ídolos, todos os valores que só de nome por vezes ouve citar, é o êxito estrondoso do «Perfil dum Artista».

## TELE-MUNDIAL

Os americanos, a TV e as «vedetas» que a Europa desconhece

NOVA IORQUE — Artistas popularíssimos nos Estados Unidos, são completamente desconhe-

cidos na Europa por se dedicarem apenas à Televisão. Assim, ao mesmo tempo que a TV americana continua a assegurar a popularidade de Bette Davis, Jimmy Durante, Rosalind Russel, Dan Dailey e Paul Douglas, consagra outros nomes, como Jackie Gleason, o protagonista do «sketch» cómico que obriga os comerciantes a fechar as lojas mais cedo, Sid Ceaser, Dave Garroway, Edward Murrow, etc.. Qualquer destes artistas nunca entraram num estúdio de cinema. Contam, no entanto, com os 170 milhões de espectadores da TV nos Estados Unidos.

Cento e setenta milhões de americanos que jantam à pressa, conduzem os seus carros com maior velocidade e obrigam os estabelecimentos a fechar mais cedo para assistirem na TV aos seus programas favoritos: entrevistas, pequenas peças românticas, concursos, variedades, etc..

As chamadas telefónicas para os estúdios que transmitem estes

(Continua na página 4)

## CINEMA NACIONAL

O Cinema Nacional depois de algum tempo de marasmo, volta a estar em actividade, com a realização de duas películas de grande metragem, e um documentário em iguais condições.

A primeira foi realizada por Manuel Guimarães, e chama-se «Costureirinha da Sé», cujo argumento foi extraído da opereta do mesmo nome, a qual foi apresentada há anos num teatro de Lisboa.

Nesta película poderemos apreciar os artistas, Maria de Fátima Bravo, Costinha, Luisa Durão, Alma Flora, Jacinto Ramos, Carlos José Teixeira, Alina Vaz, Emílio Correia, Maria Olguim, etc..

O filme fotografado a cores e cinematográfico por Perdigão Queiroga, encontra-se concluído, esperando-se que a sua estreia se efectue ainda no mês que está decorrendo.

A segunda película, é uma realização de Henrique de Campos, para a Internacional Filmes, e chama-se «A Luz vem do Alto», e tem como principal intérprete feminino, a querida artista Maria Dulce, além dum excelente elenco que anunciaremos no próximo número.

Finalmente, Filipe Solms, o conhecido produtor de alguns documentários de longa metragem, em colaboração com o realizador João Mendes, concluíram um documentário em cinematográfico e colorido, cujo título será «Rapsódia Portuguesa».

A sua estreia está marcada para breve, num cinema da capital

YOGHURT

BOM DIA

Fonte de Saúde e Energia



Preparado sob controle científico

Saúde e energia com Yoghurt BOM DIA

BIOLACTA - R. Luís Augusto Palmela, 15-A-B

LISBOA - Telef. 775028

Entrevista com o Dr.

Domingos

Mascarenhas

Por motivos alheios à nossa vontade, não nos foi possível inserir neste número a anunciada entrevista relativa à Televisão em Portugal, com o sr. Dr. Domingos Mascarenhas, conhecido crítico cinematográfico e Director da Rádio Televisão Portuguesa, o que faremos na primeira oportunidade.

Aquele prezado amigo, e aos nossos estimados leitores, apresentamos as nossas desculpas, por tal motivo.